

# Amazônia entre a guerrilha e a droga

■ Fronteira do Brasil com Colômbia e Peru virou região de alto risco com a presença de guerrilheiros e traficantes

FRANCISCO LEALI

TABATINGA, AM — A ação de organizações criminosas ligadas ao narcotráfico internacional, com proteção e segurança de grupos paramilitares, e as suspeitas de que os guerrilheiros do Sendero Luminoso e da Farc (Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia) estejam atravessando a linha para atuar na Amazônia brasileira, transformaram, hoje, os 1.500 quilômetros da fronteira do Brasil com a Colômbia e o Peru, no extremo Oeste do Amazonas, numa região explosiva.

O tráfico de cocaína, que já avançava pelo território brasileiro pelo rio Solimões, a partir de Tabatinga, ou por via aérea na linha de fronteira que se estende ao Norte do município amazense até a região conhecida como "Cabeça de Cachorro", também invade o país nos 750 quilômetros ao Sul na região do rio Javari. Nessa área, o narcotráfico conta com a proteção armada de grupos paramilitares. Contratados pelos cartéis da droga, esses grupos usam armamento pesado e técnicas militares para escoltar comboios que transportam cocaína.

Se a proteção de grupos paramilitares é tida como certa por policiais da região, a ameaça da entrada e fixação de guerrilheiros no território brasileiro é uma informação que, por enquanto, está restrita às investigações das áreas de inteligência militar. Há uma semana, o presidente do Peru, Alberto Fujimori, aproveitou a reunião de cúpula no Rio de Janeiro para denunciar que integrantes do grupo Sendero Luminoso, aliados ao narcotráfico, estariam atuando em território brasileiro. O Exército acionou seu setor de informação para apurar o caso.

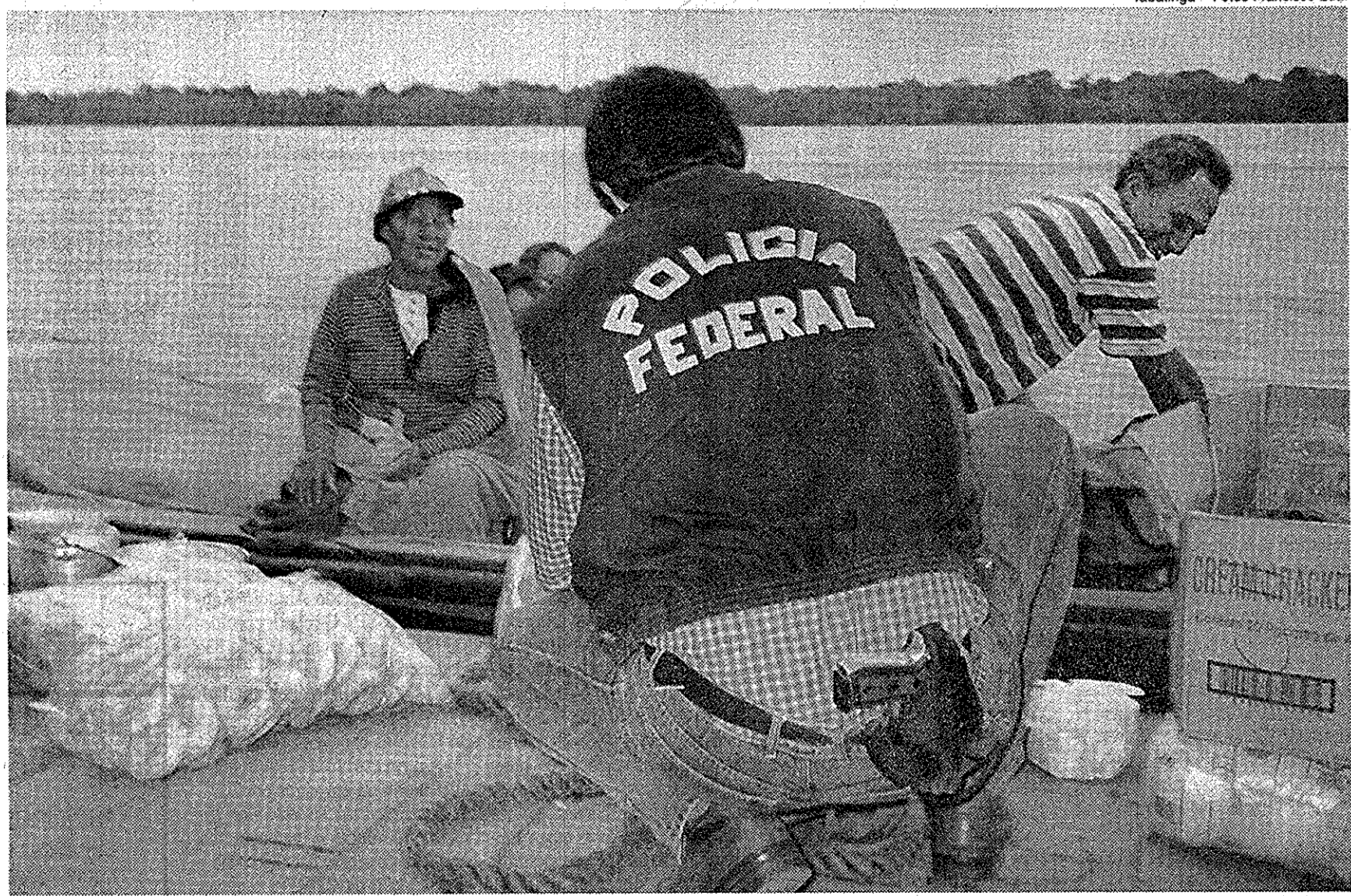
**Prisões** — Na Colômbia, os militares alem não ter qualquer confirmação sobre a denúncia de Fujimori. Segundo o Comando Unificado do Sul, que reúne Marinha, Exército e Aeronáutica colombianos na cidade de Letícia, vizinha à brasileira Tabatinga, há apenas registros de duas prisões de guerrilheiros peruanos na fronteira entre Peru e Colômbia. Na divisa com o Brasil, os militares colombianos dizem desconhecer tanto a atuação do Sendero Luminoso, como de grupos guerrilheiros da própria Colômbia, a Farc, que teria sua atuação concentrada no interior daquele país. "Não detectamos nada de anormal", afirmou o almirante colombiano Manoel Rincon, que chefiava o Comando Unificado do Sul.

Na Polícia Federal, há registros de que o envolvimento da Farc com o tráfico de cocaína já teve repercussões no Brasil, mas não pela ação direta dos guerrilheiros. Segundo investigadores da Polícia Federal, a atuação da Farc junto aos traficantes na Colômbia acabou servindo de motivação para a instalação de uma base de refino de pasta-base de cocaína na cidade de Redenção, no Pará. O que levou o grupo a escolher a cidade brasileira, segundo delegados da Polícia Federal, teria sido um desentendimento da quadrilha com a Farc.

Num relatório enviado no início deste mês à Justiça, a PF afirma que os traficantes investigados transferiram seus negócios para o Brasil na tentativa de se livrar das taxas que a Farc cobrava por sua "proteção" e obter mais lucro. Conforme levantamentos da polícia brasileira, na região colombiana de Barranco Mina — onde era comprada a cocaína processada — o pedágio da Farc insidiosa sobre o pouso de aviões que traziam a pasta-base de cocaína do Peru, sobre o transporte de produtos químicos usados no refino da droga, sobre a produção do cloridrato de cocaína (droga refinada com até 90% de pureza) e sobre a decolagem das aeronaves que levavam o pó para o Suriname, onde os carregamentos de droga eram despachados para a Europa. Essa quadrilha, que se estruturou na cidade colombiana de Letícia e chegou a abrir um escritório de exportação para encobrir seus negócios ilegais em Tabatinga, tinha ramificações em São Paulo, Santa Catarina, Goiás e Pará e pretendia enviar cloridrato de cocaína para a Holanda.

**Galpões** — O primeiro resultado das investigações ocorreu em março deste ano com a apreensão no aeroporto de Parintins (AM) de um avião prefixo PT-OEA que tinha a estrutura modificada para aumentar a autonomia de voo, transportar mais drogas e ter capacidade de fazer comunicações clandestinas. Em maio, a polícia colombiana conseguiu apreender dois carregamentos de drogas dessa quadrilha. As segundas operações policiais provocaram desconfianças entre os integrantes do grupo. Acreditando terem sido delatados, traficantes dessa quadrilha contrataram pistoleiros profissionais que assassinaram duas pessoas em Letícia, na Colômbia, e duas em Tabatinga, no Brasil.

Depois de rastrear a movimentação da quadrilha e seguir um caminhão que saiu de São Paulo com carregamento de produtos químicos, os policiais localizaram a fazenda Panorama em Redenção. Na operação final no dia 22 de junho, que resultou na prisão em flagrante de 10 pessoas. O que a PF encontrou na fazenda, surpreendeu. Segundo um experiente investigador, os galpões preparados para o refino da cocaína são os maiores localizados até hoje em território brasileiro. No dia 10. deste mês, a Polícia Federal enviou o relatório sobre as investigações para a Justiça Federal pedindo o enquadramento por tráfico internacional de drogas de cinco brasileiros e cinco colombianos.



Um agente revista uma pequena embarcação atracada na margem do Rio Solimões, onde está instalada uma das bases da Polícia Federal na Amazônia

## Os rios como alternativa

Nos últimos meses, a Polícia Federal tem coletado fortes indícios de que os grupos paramilitares saem do território peruano dando segurança aos traficantes e se aproveitam da vulnerabilidade da segurança na fronteira brasileira para usar o território nacional como rota alternativa de tráfico. A entrada em território brasileiro, serpenteando por igarapés afluentes do rio Javari, evita contato com batalhões de fronteira dos Exércitos peruano e brasileiro. O destino: pistas de pouso clandestinas de onde pequenas aeronaves iniciam a viagem para levar a droga para os Estados Unidos e Europa.

Entre as organizações guarnecidas por armamento de uso militar estaria o grupo da família Rivera, apontada pela Polícia Federal como a maior produtora de pasta-base de cocaína no Peru. Essa família atua na fronteira com o Brasil e está na lista negra da Divisão de Repressão aos Entorpecentes (DRE) da Polícia Federal na Amazônia. Um dos principais responsáveis por essas operações de tráfico seria Nicolas Catique Rivera.

**Confronto** — No final do ano passado, dez agentes da DRE da Superintendência da PF em Manaus e

25 homens da polícia peruana por pouco não entraram em confronto com um desses grupos. Numa operação realizada nos afluentes do rio Javari, os policiais dos dois países tentavam localizar narcotraficantes que usavam aquela rota. Os policiais conseguiram prender um barco com dois peruanos que atuavam como batedores avançados da quadrilha que transportava cocaína na região. Os presos confessaram a participação na operação, confirmaram a presença do grupo para militar na escolta da droga e revelaram a direção do comboio.

**Operação** — Um dos policiais brasileiros que participaram da operação lembra que a PF se encarregaria de cercar o grupo armado bloqueando uma saída fluvial e os peruanos entrariam na mata. Com receio do poder de fogo desses seguranças, os peruanos pediram reforço. A cautela atrasou a operação de repressão e, quando os policiais brasileiros e peruanos chegaram à pista clandestina, o avião já havia decolado, levando, segundo os dois presos, 800 quilos de cocaína.

Essa operação serve de exemplo

do sinuoso caminho que a droga percorre das áreas de cultivo de coca até os pontos de despacho de cocaína para fora da América do Sul. Segundo levantamentos da área de inteligência da PF, somando-se Bolívia, Peru e Colômbia, seriam cultivados 200 mil hectares de coca com uma média de quatro safras por ano. O excedente da produção de pasta-base de coca na Bolívia e a produção do Peru costumam ser destinados ao interior do território colombiano, onde seriam refinados 80% do cloridrato de cocaína (cocaína em pó com até 90% de pureza). Estima-se que, por ano, a produção de cloridrato de cocaína seja o equivalente a 2 mil toneladas.

As rotas de saída da cocaína processada na Colômbia são feitas na maioria das vezes por via aérea, em direção ao Suriname ou entrando no espaço aéreo brasileiro. Para a Polícia Federal, a cidade de Tabatinga é considerada um ponto de encontro de intermediários e despachantes da droga. A fronteira com a Colômbia é aberta e não há controle do ingresso de estrangeiros na cidade brasileira que fica na margem esquerda do rio Solimões. (F.L.)

## Território livre para todos os tipos de crime

TABATINGA, AM — Fronteira aberta com a Colômbia, a cidade amazense de Tabatinga sustenta a fama de conviver com o narcotráfico internacional. O município de aparência pacata, onde a avenida principal é cortada por um tráfego predominante de motonetas compradas em território colombiano, pouco revela o submundo das negociações e acordos que diariamente são fechados por traficantes peruanos, colombianos e brasileiros para despachar pasta-base de coca ou cocaína refinada para rotas que levaram as drogas às principais capitais do país, aos Estados Unidos e à Europa.

As "pequenas ilegalidades", entretanto, estão à mostra nas esquinas de Tabatinga. Sem posto de gasolina, os moradores aprenderam a comprar o combustível vendido em garrafas de bebidas alcoólicas por um real o litro. No território colombiano, de onde vem a gasolina comercializada ilegalmente, o combustível é 40% mais barato.

No pequeno quartel da Polícia Militar, que funciona como delegacia e prisão, aparecem os sinais de que o tráfico é mesmo o principal negócio da cidade. Dos 55 presos, 15 estão nas celas da PM por crimes comuns, enquanto os 40 restantes foram enquadrados "no 12", o número que na gíria policial significa crime de tráfico de entorpecentes.

"O estado aqui é de calamidade", confessa o tenente da PM Carlos Gomes, comandante de uma companhia da polícia estadual com 42 homens. O PM, que acumula a função de delegado da cidade, não se constringe em admitir que não tem condições para dar segurança à população. "A falta de efetivo torna a situação caótica", reconhece.

**Abandono** — Para entrar em território colombiano basta seguir pela avenida da Amizade, que cruza Tabatinga. Na fronteira, o único sinal de que o Brasil ficou para trás é um posto policial colombiano que não costuma parar ninguém. Do lado brasileiro, o posto de fiscalização está abandonado. "Se colocar homens lá, não terei ninguém para policiar a cidade", justifica o tenente-delegado.

Em caso de chamado de emergência, a PM não tem condições de chegar rápido ao local do crime. Não há viaturas policiais na companhia. O único veículo é uma moto 450 de propriedade do próprio tenente-delegado. "Quando precisamos de carro chamamos um táxi. Às vezes, o próprio reclamante paga a conta", diz Gomes. Se há briga e sai tiro, o PM também admite que não dá para evitar o pior. "Nesses casos, a gente passa para recolher o corpo", afirma.

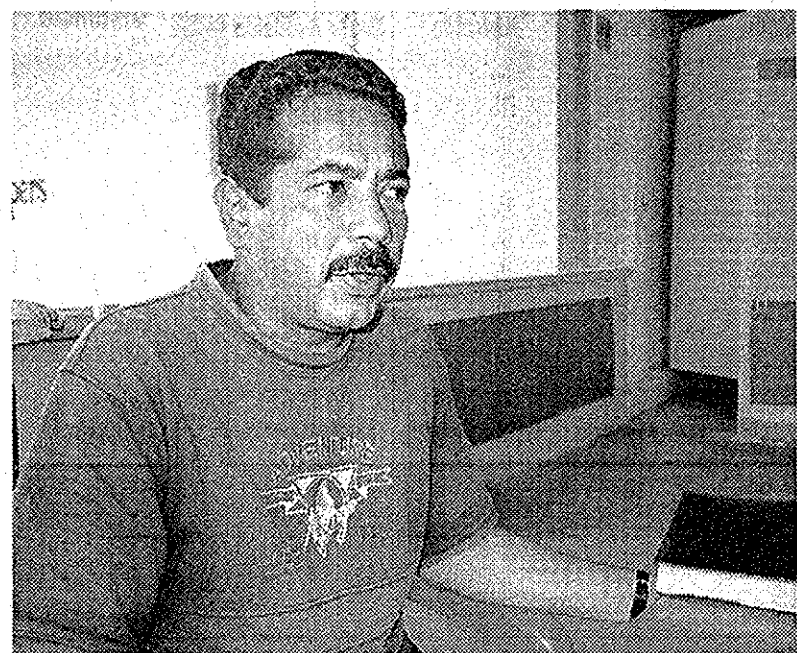
A delegacia da Polícia Federal na cidade também tem um número reduzido de policiais. Atualmente são 15. A 60 quilômetros da cidade, nas margens do rio Solimões, há um outro posto da PF, a base Anzol, onde oito agentes fiscalizam o tráfego fluvial. Dentro de Tabatinga, existe ainda um contingente de mil soldados do 8º Batalhão de Infantaria de Selva do Exército, responsáveis pela vigilância das fronteiras. Estão sob a responsabilidade do 8º BIS aproximadamente 1.500 quilômetros de fronteira. (F.L.)

## Ex-guerrilheiro pede asilo

TABATINGA, AM — Se a atuação de guerrilheiros peruanos do Sendero Luminoso em território brasileiro, denunciada pelo presidente do Peru, Alberto Fujimori, é um assunto ainda em investigação pelo Exército, a Polícia Federal já tem o registro oficial de que pelo menos um integrante da guerrilha colombiana ligado à Farc (Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia) está em Tabatinga. Sem armas, uniforme ou panfletos subversivos, o colombiano Oswaldo Torres Hernandez se apresentou na semana passada à delegacia da PF em Tabatinga, pedindo asilo político no Brasil.

Oswaldo Hernandez, que disse nunca ter matado uma pessoa, mas treinado pela Farc para manusear sub-metralhadoras e fuzis AR-15, formalizou seu pedido, alegando estar correndo risco de vida na cidade colombiana de Letícia, vizinha de Tabatinga. Como prova, apresentou um ofício datilografado em que foi aconselhado a deixar a Colômbia por um grupo paramilitar que apóia o governo chamado Autodefesa Unida da Colômbia (AUC). "Não tenho condições de ficar seguro. Preciso do asilo político e quero ir para São Paulo ou Rio de Janeiro", afirmou. "Só volto para meu país quando houver um acordo definitivo de paz entre o governo e a Farc", acrescentou.

As declarações de Oswaldo foram recebidas com reservas na delegacia da PF em Tabatinga. Mesmo



Oswaldo Hernandez, ex-guerrilheiro da Farc, fugiu para Tabatinga

desconfiando da veracidade do envolvimento do colombiano com a Farc, os policiais formalizaram o pedido de asilo de Oswaldo. O guerrilheiro, que aceitou dar entrevista, disse ter abandonado a Farc, apesar de ainda dar razão à atuação do movimento guerrilheiro contra o governo da Colômbia.

Oswaldo tem documentos comprovando que foi preso em setembro de 1996 por crime de "rebelião". Ele contou que participava de uma marcha de protesto contra a pulverização de veneno nas plantações de coca e contra a falta de apoio para os agri-

cultores substituírem o plantio desse produto por outras lavouras.

Nos tempos da guerrilha, Oswaldo nunca ocupou posições de chefia. Conta que fazia o patrulhamento de acampamentos, trabalhava na cozinha e resolvia pequenos problemas familiares nas vilas controladas pela Farc no interior da Colômbia. Ele ainda disse se lembrar das instruções militares e da doutrina contra o governo federal colombiano aprendidas durante. "A burocracia governista não atende à população. O poder dominante concentra as rendas do país", comentou. (F.L.)